

# VEREDAS

**Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**

VOLUME 11



SANTIAGO DE COMPOSTELA  
2009

A AIL – Associação Internacional de Lusitanistas tem por finalidade o fomento dos estudos de língua, literatura e cultura dos países de língua portuguesa. Organiza congressos trienais dos sócios e participantes interessados, bem como co-patrocina eventos científicos em escala local. Publica a revista *Veredas* e colabora com instituições nacionais e internacionais vinculadas à lusofonia. A sua sede localiza-se na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Portugal, e seus órgãos directivos são a Assembleia Geral dos sócios, um Conselho Directivo e um Conselho Fiscal, com mandato de três anos. O seu património é formado pelas quotas dos associados e subsídios, doações e patrocínios de entidades nacionais ou estrangeiras, públicas, privadas ou cooperativas. Podem ser membros da AIL docentes universitários, pesquisadores e estudiosos aceitos pelo Conselho Directivo e cuja admissão seja ratificada pela Assembleia Geral.

### **Conselho Directivo**

Presidente: Elias Torres Feijó, Univ. de Santiago de Compostela  
[eliasjose.torres@usc.es](mailto:eliasjose.torres@usc.es)

1.<sup>a</sup> Vice-Presidente: Cristina Robalo Cordeiro, Univ. de Coimbra  
[cristinacordeiro@hotmail.com](mailto:cristinacordeiro@hotmail.com)

2.<sup>a</sup> Vice-Presidente: Regina Zilberman, UFRGS; FAPA; CNPQ  
[regina.zilberman@gmail.com](mailto:regina.zilberman@gmail.com)

Secretária-Geral: M. Carmen Villarino  
Pardo [carmen.villarino@usc.es](mailto:carmen.villarino@usc.es)

Vogais: Anna Maria Kalewska (Univ. de Varsóvia); Benjamin Abdala Junior (Univ. São Paulo); Claudius Armbruster (Univ. Colónia); Helena Rebelo (Univ. da Madeira); Mirella Márcia Longo Vieira de Lima (Univ. Federal da Bahia); Onésimo Teotónio de Almeida (Univ. Brown); Petar Petrov (Univ. Algarve); Raquel Bello Vázquez (Univ. Santiago de Compostela); Sebastião Tavares de Pinho (Univ. Coimbra); Teresa Cristina Cerdeira da Silva (Univ. Fed. do Rio de Janeiro); Thomas Earle (Univ. Oxford).

### **Conselho Fiscal**

Fátima Viegas Brauer-Figueiredo (Univ. Hamburgo); Isabel Pires de Lima (Univ. Porto); Laura Calcavante Padilha (Univ. Fed. Fluminense).

Associe-se pela *homepage* da

AIL: [www.lusitanistasail.net](http://www.lusitanistasail.net)

Informações pelos *e-mails*:

[ailusit@ci.uc.pt](mailto:ailusit@ci.uc.pt)

# Veredas

## Revista de publicação semestral

Volume 11 – Maio de 2009

**Director:**

Regina Zilberman

**Director Executivo:**

Benjamin Abdala  
Junior

**Conselho Redactorial:**

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Cleonice Berardinelli, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, Helder Macedo, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Ria Lemaire. Por inerência: Anna Maria Kalewska, Claudius Armbruster, Cristina Robalo Cordeiro, Elias J. Torres Feijó, Fátima Viegas Brauer-Figueiredo, Helena Rebelo, Isabel Pires de Lima, Laura Cavalcante Padilha, M. Carmen Villarino Pardo, Mirella Márcia Longo Vieira de Lima, Onésimo Teotónio de Almeida, Petar Petrov, Raquel Bello Vázquez, Sebastião Tavares de Pinho, Teresa Cristina Cerdeira da Silva, Thomas Earle.

**Redacção:**

VEREDAS: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas  
Endereço eletrónico: [ailusit@ci.uc.pt](mailto:ailusit@ci.uc.pt)

**Realização:**

Coordenação: Maria de Fátima Viegas Brauer-Figueiredo, Markus Schäffauer, Martin Neumann

Revisão: Laura Blanco de la Barrera

Desenho da Capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa, Portugal

**Impressão e acabamento:**

Unidixital, Santiago de Compostela, Galiza

**ISSN 0874-5102**

---

AS ACTIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS  
TÊM O APOIO REGULAR DO INSTITUTO CAMÕES E DA  
CONSELHARIA DA CULTURA DA JUNTA DA GALIZA



# SUMÁRIO

<b>EDITORIAL</b> .....	9
<b>NOTA DE APRESENTAÇÃO</b> .....	11
<b>I. REFERÊNCIAS BIOGRÁFICAS</b>	
CARLOS MENDES DE SOUSA Cartas para Miguel Torga.....	21
CRISTINA ROBALO CORDEIRO Miguel Torga: A Casa e os Livros.....	35
PAULA ISABEL SANTOS & CARLA BASTOS Miguel Torga – Das Raízes para a Imortalidade.....	45
MARIA MANUELA GOUVEIA DELILLE Memória, silêncios e ficção em <i>O Quarto Dia</i> de <i>A Criação do Mundo</i> e no <i>Diário I</i> de Miguel Torga.....	59
INÊS ESPADA VIEIRA Contar a Guerra e Vencer as Batalhas da Liberdade.....	77
<b>II. À PROCURA DE IDENTIDADE</b>	
MARIA DE FÁTIMA MARINHO Miguel Torga e a Memória do Passado.....	93
PAULO DE MEDEIROS Palavras Gastas.....	101
ORLANDO GROSSEGESSE Torga em Saramago. <i>Dos Poemas Ibéricos à Jangada de Pedra</i> .....	109
EBERHARD GEISLER O que é o humano? Leitura psicanalítica da obra de Miguel Torga.....	131

### **III. SER ARTISTA**

CLARA CRABBE ROCHA

A Lição de Bambo.....155

ELIAS J. TORRES FEIJÓ

A geo-cultura original dos contos de Miguel Torga e o seu progressivo desaparecimento: De *Bichos* a *Novos Contos da Montanha*.....167

HENRY THORAU

Ainda por descobrir – Miguel Torga como dramaturgo.....185

MARIA ANTÓNIO FERREIRA HÖRSTER

Miguel Torga e a literatura de expressão alemã à luz do seu *Diário*.....199

ISABEL MARIA FIDALGO MATEUS

Viajar com Miguel Torga em Portugal.....233

### **IV. AS TÉCNICAS DO NARRADOR**

ANA LUÍSA VILELA

A *Lei do Sangue*: representação física e poética do corpo nos últimos contos de Torga.....251

JOACHIM MICHAEL

A violência nos contos de Miguel Torga.....267

TERESA ARAÚJO

“O Cobarde” e “Requiem”: clandestinidade e alegoria.....287

TERESA CRISTINA CERDEIRA

Jorge de Sena e Miguel Torga: o discurso bíblico na biblioteca do artesão.....299

KARL HEINZ DELILLE

O conto “Vicente” e as suas traduções alemãs.....315

### **V. A ARTE DO POETA**

MARIA MADALENA MARCOS CARLOS TEIXEIRA DA SILVA

Da leitura do *eu* à leitura do *outro*. Expressão poética e comunicação.....333

MARIA LÚCIA DAL FARRA

Um semblante de mulher: leitura da *Antologia Poética*.....347

LUÍSA COSTA-HÖLZL Aninhar o Menino Jesus no entendimento – Torga e o Natal, 30 poemas.....	359
<b><i>OS/AS AUTORES/AS</i></b> .....	373
<b><i>NORMAS DE EDIÇÃO</i></b> .....	383



## EDITORIAL

A partir do próximo número, a revista *Veredas*, tendo como objetivo aumentar o impacto científico dos artigos publicados, apresentará algumas modificações, tal e como acordado na Direção da AIL. A mais importante é que, por regra geral, os números deixarão de ser temáticos –reservando esta modalidade para ocasiões excecionais- e haverá, no entanto, uma chamada para artigos permanentemente aberta para todas as investigadoras e investigadores que desejarem enviar os seus contributos, que serão avaliados de forma anónima por especialistas alheios ao conselho redatorial, de modo a garantir a qualidade científica dos trabalhos.

Com o mesmo objetivo de aumento da difusão e da consideração da nossa revista, a *Veredas*, que é acessível na internet desde o número 11, desaparece com a presente edição como publicação em papel. As mudanças que se estão a produzir nos últimos anos e cada vez mais velozmente no âmbito das publicações científicas mostram que este é o caminho que deverão seguir todas as revistas que aspirem a ser indexadas e consideradas pelos critérios e modelos de avaliação reconhecidos pelas universidades e outras instituições investigadoras.

Fazemos, pois, desde estas páginas uma chamada a todos os pesquisadores e a todas as pesquisadoras no âmbito das Ciências Sociais e Humanas para o envio dos seus artigos relacionados com qualquer aspeto da língua e das culturas lusófonas, sublinhando que valorizaremos especialmente aqueles trabalhos que adoptarem nas suas metodologias e nos seus objetos de estudo uma perspectiva inovadora e interdisciplinar.

A direção da revista e da Associação Internacional de Lusitanistas confia em que estas inovações darão como resultado uma melhor e maior valorização tanto da própria *Veredas* como das autoras e autores que colaborarem com as suas publicações.

Santiago de Compostela, Maio de 2009

Elias J. Torres Feijó  
(Diretor)

Raquel Bello Vázquez  
(Diretora executiva)

## NOTA DE APRESENTAÇÃO

No dia 12 de Agosto de 2007 celebrou-se o centenário do nascimento de Miguel Torga (1907–1995). Ora, por um lado, concede-se ao escritor obsequiado por prémios literários o mérito de se ter gravado na memória do século XX e de o ter profundamente marcado com a sua obra; por outro lado, porém, a vida deliberadamente retirada do autor, o seu indomável desejo de liberdade e a sua recusa absoluta em seguir as tendências ou modas literárias, em se deixar integrar em preconceitos estereotipados levantaram desde sempre problemas quanto à sua classificação literária. Este rápido diagnóstico dá origem à suspeita de que é talvez nas contingências do século XX que é preciso procurar uma explicação da personalidade e das obras de Miguel Torga.

São os contos a parte mais famosa da sua vasta obra, são eles que atraem admiração unânime pela sua arte. No entanto, já a sua usual classificação como testemunho regionalista da povoação rural e dos seus modos de (sobre-)viver no Norte montanhoso de Portugal se torna difícil, ao tomar-se em consideração a problemática existencialista que subjaz a todos. E a dificuldade vai aumentando ainda diante dos contos *urbanos* do Autor (por exemplo, “Rua”).

Uma outra espécie de embaraço, desta vez quanto ao género literário, é provocado pelo seu *Diário*, obra monumental de 16 volumes, publicados entre 1941 e 1993. Sobre fundo só muito parcialmente autobiográfico vemos amalgamarem-se história contemporânea, crítica da cultura e da sociedade, trechos de prosa, poemas, reflexões poetológicas e muitos outros géneros numa criação híbrida, quase monstruosa mas nem por isso menos fascinante, até porque se recusa a todas as tentativas de categorização da parte da crítica literária. No caso dos seis volumes d’*A Criação do Mundo* (1938-1981), Torga encena um jogo transgressivo semelhante ao género da autobiografia.

O cunho existencialista de Miguel Torga torna-se evidente na sua voluminosa obra poética. São constantes e recorrentes as alusões e pontos de contacto com as tradições cristãs e a antiguidade. Porém, na maioria dos casos estas referências são invertidas, postas ao serviço de uma religião da imanência (como, por exemplo, n' *O outro livro de Job* ou em *Orfeu rebelde*). Até ao presente, as peças teatrais de Torga, com títulos como *Mar* ou *Terra*, tal como o seu romance *Vindima*, não têm despertado muito interesse da crítica literária. No entanto, nos últimos anos vários críticos, entre os quais Maria Alzira Seixo, têm reivindicado uma revalorização desses textos pouco conhecidos. Por outras palavras, a obra de Torga apresenta-se multiforme, complexa e de difícil alcance. Pensa Eduardo Lourenço que a originalidade da obra se baseia no seu arcaísmo, mas esta suposição quadra mal com a crítica radical a Deus, pela qual sobretudo os contos de *Bichos* se tornaram famosos. Face a essas constatações aparentemente contraditórias, sobressai a questão das relações da obra de Miguel Torga com a modernidade, ou melhor, com o modernismo do século XX. Trata-se no seu caso da conjuração de um Portugal arcaista, qual cosmos rural em irreversível via de extinção na segunda metade do século XX? Ou temos de interpretá-lo como o precursor de certas ideias (pós-?)modernas, sobretudo no que respeita à problemática do sujeito moderno, segundo as quais a humanidade está sujeita inevitavelmente a poderes, sublimes sim, porém nem sobrenaturais, nem divinos? E, finalmente, como se relaciona a escrita de Torga com Portugal? Por um lado, é lido como o cantor *par excellence* da sua pátria-mãe; por outro, não podemos esquecer que ele mesmo toma sempre uma distância crítica face a esse Portugal que tanto ama, mas que considera muitas vezes num contexto expressamente *ibérico*, desta maneira desmentindo qualquer suspeita de nacionalismo exacerbado.

Em suma, a obra de Miguel Torga levanta mais questões do que dá respostas ou certezas. O seu centésimo aniversário oferece uma ocasião propícia para uma nova aproximação à obra do autor, com uma distância crítica que convém a esta conjuntura simbólica. As questões e dificuldades mencionadas acima salientam a urgência

dessa revalorização. A produção literária de Torga acompanha e comenta a maior parte do século XX e a sua re-leitura, que constitui o alvo do Colóquio de Hamburgo, serve também à revisão múltipla do século passado, dos seus desenvolvimentos e contradições, em Portugal.

Os participantes neste número da *Veredas* dedicaram-se a este vasto projecto com as mais variadas interrogações e sob diferentes aspectos, que não visavam uma das habituais homenagens ou até uma cega apoteose do escritor transmontano, mas tentavam situar Miguel Torga e a sua variadíssima obra no contexto da literatura e da cultura (portuguesa, mas não exclusivamente) do século XX e, desse modo, explicar ou elucidar algumas das dúvidas e perplexidades que levanta.

Um primeiro bloco de contribuições pode ser resumido sob o título de *Referências (auto)biográficas*. Em “Cartas para Miguel Torga”, Carlos Mendes de Sousa pretende dar a conhecer um dos seus trabalhos de investigação, isto é, a publicação de um volume de correspondência inédita dirigida ao escritor, que abrange o período de 1930 a 1994. Este conjunto de cartas inéditas, de autores nacionais e estrangeiros (entre eles Fernando Pessoa, Manuel Bandeira, Jorge Amado ou Jack Lang), oferece elementos valiosos e até agora na maior parte desconhecidos, que facilitam a compreensão de certos aspectos não só da história literária e cultural do século XX português, mas também do itinerário político, cívico e literário de Miguel Torga, o que leva à refutação pura e simples da imagem estereotipada do poeta deliberadamente solitário e incompreendido. Na sua contribuição “Miguel Torga: A Casa e os Livros”, Cristina Robalo Cordeiro fala das dificuldades e das difíceis escolhas que teve de fazer quando aceitou o cargo de Conservadora da Casa-Museu Miguel Torga. O que se pode *mostrar, exhibir* do interior da casa habitada pelo escritor ou da sua intimidade espiritual que espelhe de forma palpável as suas obras – sobretudo quando (como no caso de Miguel Torga) o despojamento monacal do poeta não favorece uma tal ostentação? Um problema mais abstracto da biografia de Miguel Torga é discutido por Paula

Isabel Santos e Carla Bastos no artigo “Miguel Torga – Das Raízes para a Imortalidade”, onde sustentam numa leitura psiquiátrica ou psicanalítica segundo a qual o conceito da imortalidade simbólica está presente em todos os escritores. Dos cinco *modos* nos quais este desejo se manifesta –segundo Jay Lifton: o biológico, o criativo, o religioso, o natural e o experiencial– tornam-se evidentes sobretudo o modo natural e o modo biológico, tal como o modo criativo, na medida em que Torga, por um lado, nunca deixa as suas raízes e sublinha desde sempre a sua identidade telúrica, e por outro lado deixa de si uma obra artística que o eleva à imortalidade simbólica. Duas vezes é focalizado um aspecto bastante específico da biografia de Miguel Torga: a Guerra de Espanha. Em “Memórias, silêncios e ficção em *O Quarto Dia de A Criação do Mundo* e no *Diário I* de Miguel Torga”, Maria Manuela Gouveia Delille concentra-se em duas facetas fulcrais nas duas versões existentes da narração da primeira viagem de Torga à Espanha dos anos da Guerra Civil: a auto-encenação de ambos os textos e a sua dimensão política, diferentemente acentuada numa versão e noutra, mas muito marcada em ambas. Contudo, além da análise das diferenças textuais entre as duas versões e as suas implicações na exegese, a contribuição tenta explicar com as circunstâncias biográficas do autor a ausência de qualquer alusão à Guerra Civil de Espanha, à Segunda Guerra Mundial e aos crimes do nacional-socialismo nas páginas do *Diário I* (de 1941), bem como nos volumes seguintes do *Diário*. “Contar a Guerra e Vencer as batalhas da Liberdade”, de Inês Espada Vieira, salienta mais uma vez o impacto da Guerra Civil de Espanha na obra literária de Miguel Torga. Através de leituras de vários contos, do *Quarto Dia d’A Criação do Mundo* e de alguns poemas, a autora chega à conclusão de que todas estas escritas testemunham a inabalável fé de Torga no humano, que vai a par com o desejo absoluto de Liberdade e a firme intenção de lutar para alcançar esse ideal.

Uma segunda unidade temática foi constituída pela preocupação de Miguel Torga com a identidade, seja ela pessoal, portuguesa ou até ibérica. Em “Miguel Torga e a Memória do Passado”, Maria de Fátima Marinho analisa a construção da

identidade nacional a partir da memória nos seus complexos envolvimentos entre a literatura e a história, no caso de alguns contos e dos *Poemas Ibéricos*. Partindo da tese de que a escrita é capaz de renegociar a importância de certos fenómenos factuais, a autora demonstra que Torga utiliza este poder para relativizar alguns dados da história oficial, contrastando-a com a *pequena história* do anti-herói, demonstrando assim a relatividade de qualquer verdade *inquestionável* e a importância do papel da memória para a constituição de qualquer identidade. Paulo de Medeiros pergunta-se num artigo intitulado “Palavras gastas” como funciona a construção do *eu* no *Diário*, visto que nele Torga aborda questões artísticas, literárias, sociológicas e políticas, primordiais para a compreensão dos processos de construção identitária a nível individual e colectivo. Um dos aspectos realçados incide sobre a relação do eu com os outros na sua dimensão ética (segundo algumas das premissas expostas por Levinas) assim como a representação da diferença. O título da análise de Orlando Grossegeisse, “Torga em Saramago. Dos *Poemas Ibéricos* à *Jangada de pedra*”, faz alusão ao facto de a crítica –apesar de chamar a ambos *telúricos* e *ibéricos*– evitar uma comparação entre Torga e Saramago e o próprio Saramago quase nunca falar de Torga. Grossegeisse procura preencher esta lacuna, comentando a ascendência da “lição de coragem mental” (Unamuno) de Torga para a génese do *Manual de Pintura e Caligrafia*, onde Saramago tenta realçar o seu papel de inconformista com os regimes de Franco e Salazar. A aproximação de certas opiniões dos dois escritores culmina n’ *A Jangada de Pedra*, nomeadamente no ‘Adão ibérico’ Pedro Orce. Um outro aspecto identitário é tratado na contribuição de Eberhard Geisler, “O que é o humano? Leitura psicanalítica da obra de Miguel Torga”. O autor pergunta-se em que medida a psicanálise estrutural de Jacques Lacan pode contribuir para a compreensão da obra de Miguel Torga, visto que a teoria de Lacan situa o fenómeno do humano numa permanente confrontação com a ordem simbólica e pode desta maneira contribuir para uma melhor interpretação do problema da identidade. A partir da análise de alguns contos e de vários trechos do *Diário* que se ocupam da

persistência no limiar da ordem simbólica, chega à conclusão de que Torga, de vez em quando, põe em dúvida o facto de ter uma identidade fixa, imutável, ou professa até uma falta de identidade.

O subcapítulo *Ser Artista* abrange artigos que tratam da função do artista na nossa época, na nossa sociedade em geral, e talvez nem seja exagerado chamar a isso a sua missão. Todavia, num sentido muito lato do conceito, porque inclui o poeta *vates*, os intertextos que influem ou confluem na sua obra e, enfim, o infatigável cantor das belezas da terra pátria. Em “A lição de Bambo”, Clara Crabbé Rocha propõe uma interpretação do sapo Bambo e do(s) seu(s) encontro(s) com o tio Arruda como uma lição de filosofia e um estudo sobre a amizade. Depois de um fenómeno de *clinamen* (uma noção de Lucrecio), Bambo o sapo ensina ao homem a contemplação filosófica não só duma realidade nunca antes pressentida, que o conduz à arte de saber dirigir a sua vida, mas também da profunda comunhão de todos os seres vivos numa dimensão temporal que se torna cósmica. Assim, o sapo manifesta-se, no fim dos contos, uma espécie de metáfora do sábio e do poeta. No artigo “A geo-cultura original dos contos de Miguel Torga e o seu progressivo desaparecimento: De *Bichos* a *Novos Contos da Montanha*” Elias J. Torres Feijó lamenta que a recepção (não só) académica dos contos de Torga –nomeadamente das três colectâneas *Bichos*, *Contos da Montanha* e *Novos Contos da Montanha*– seja dominada por uma forte tendência para leituras predominantemente míticas ou lendárias, as quais esquecem ou distorcem com demasiada facilidade o vínculo existencial desses contos com o meio geo-cultural ao qual pertencem. Na sua contribuição “Ainda por descobrir – Miguel Torga como dramaturgo”, Henry Thorau dedica-se a um lado pouco conhecido de Torga: às suas quatro peças de teatro, que do ponto de vista do conteúdo correspondem à temática geral do escritor e que, em termos de forma, se revelam bastante tradicionais e naturalistas. Porém, por exemplo em *Sinfonia*, esconde-se, sob a superfície tão convencional, um ‘discurso poético’ com inúmeras referências à arte poética, uma lição sobre o valor primordial da poesia ou a função do poeta –tudo isto, aliás, apresentado com uma auto-ironia tão

severa e amarga que deixa em aberto a questão de até que ponto a arte, a poesia poder desempenhar uma função qualquer. Em “Miguel Torga e a literatura de expressão alemã à luz do seu *Diário*”, Maria Ant3nio Ferreira H3rster tenta avaliar a import3ncia que a literatura alem3 assumiu para Miguel Torga, concluindo que havia pouca, em compara33o com a influ3ncia de autores estrangeiros como Cervantes, Homero, Dante, Proust, Montaigne ou Shakespeare. S3 Goethe, Thomas Mann, Rilke e H3lderlin, a par de poucos outros autores alem3es, se destacam dessa confessada retic3ncia ou estranheza de Torga perante o ambiente espiritual da literatura alem3. Quanto 3 sua influ3ncia na produ33o po3tica ou narrativa de Torga, observam-se pequenos incentivos –o romance de Thomas Mann no debate presencista sobre o g3nero romanesco, o ‘Dinggedicht’ de Rilke, a cren3a de H3lderlin na for3a da palavra po3tica, etc.– mas, no fundo, Torga n3o consegue desprender-se duma imagem bastante estereotipada da cultura alem3. Um aspecto completamente diferente da personalidade do Artista 3 focalizado em “Viajar com Miguel Torga em *Portugal*”, por Isabel Maria Fidalgo Mateus. A viagem f3sica e cultural de Miguel Torga pelas catorze regi3es da sua terra-“M3e” n3o se l3 como um mero guia tur3stico pelos turistas de massas, mas como uma an3lise l3cida da condi33o social da p3tria a partir da sua ess3ncia predominantemente rural. Desta maneira o escritor-viajante, o ‘turista ideal’ consegue obter o dif3cil equil3brio entre descri33o objectiva, dum lado, e emotividade e subjectividade do outro –para si e para os seus leitores.

V3rias contribui33es dedicaram-se ao estudo da obra narrativa de Miguel Torga, nomeadamente a partir dos seus famosos contos, dos quais s3o investigados sobretudo alguns aspectos salientes de conte3do. O t3tulo “*A lei do sangue: representa33o f3sica e po3tica do corpo nos 3ltimos contos de Torga*” de Ana Lu3sa Vilela 3 program3tico. A autora examina o facto de a representa33o do corpo f3sico constituir uma componente fulcral na fic33o de Miguel Torga. Partindo dos conceitos desenvolvidos por Francis Berthelot duma semiologia da incorpora33o romanesca, a autora analisa os processos pelos quais a corporalidade das personagens,

dos temas e dos ambientes influi na escrita, aqui em particular nos contos de *Pedras Lavradas*: estes processos valem tanto pela estrutura como pelo discurso narrativo e não parece exagerado designá-los como a própria matéria-prima romanesca. Em “A violência nos contos de Miguel Torga”, Joachim Michael elucida um aspecto muito paradoxal do Reino Maravilhoso de Torga. Esse Reino tão idealizado e cobiçado torna-se um palco pelo incansável esforço dos seres para existir, para sobreviver. Isso tem um lado grandioso, quase sublime, mas inclui também um lado violento, uma espécie de versão bruta e negativa da luta pela sobrevivência, uma violência que subjuga seres humanos e animais. E, no fundo, esta violência revela-se um castigo a que Deus submete essa terra. Na sua contribuição “‘O Cobarde’ e ‘Requiem’: clandestinidade e alegoria”, Teresa Araújo focaliza a acentuada ocultação de referências ao contexto epocal português na configuração discursiva destes dois contos de temática política (que usa a omissão, o disfarce, o silêncio), interpretando este fenómeno como um reflexo dos protocolos do universo real da clandestinidade. Assim, os ecos da realidade histórica são submetidos a um processo de superação da sua contingência e guindados a um estatuto de matéria alegórica, com validade universal na concepção torguiana de História. Teresa Cristina Cerdeira aborda um aspecto igualmente central da obra de Torga, comparando-o com o seu tratamento em Jorge de Sena: o da religião. Em “Jorge de Sena e Miguel Torga: o discurso bíblico na biblioteca do artesão”, a autora comenta o tecido de fios intertextuais que entrelaça textos da Génese e dois contos dos dois escritores dos anos trinta do século passado. Tanto Miguel Torga como Jorge de Sena ousam enfrentar e re-escrever histórias do Antigo Testamento (a do Paraíso e a da Arca de Noé), operando, em ambos os casos, uma inversão paródica; isto entendido não tanto como exercício retórico de rebaixamento, mas antes como ousadia de disputar com o modelo a função etiológica de interpretação do lugar do humano face ao divino, pervertendo os mitos de fundação e de refundação do mundo. Em “O conto *Vicente* e as suas traduções alemãs”, Karl Heinz Delille apresenta um pormenorizado estudo da génese textual de *Vicente* a partir das várias publicações

do conto desde 1940 até 1976. A contribuição concentra-se ainda nas quatro traduções alemãs, colocando essas versões nos respectivos contextos históricos, cujas circunstâncias de publicação o autor elucida, comentando *en passant* as diversas tendências linguístico-estilísticas.

Num último bloco temático são reunidos artigos que se dedicam à vasta produção lírica de Miguel Torga. “Da leitura do *eu* à leitura do *outro*. Expressão poética e comunicação”, Maria Madalena Marcos Carlos Teixeira da Silva constata o facto de a poesia de Miguel Torga revelar –além da reconhecida e pronunciada praxe de auto-reflexão– um constante e consciente desejo de entrar em comunhão com os outros. O artigo incide sobre as múltiplas formas através das quais Torga procura implicar o leitor, seja na própria gênese da obra seja no processo de produção de sentido, em nome de uma solidariedade que culmina na vontade do poeta de ser compreendido por todos. Uma questão difícil é tratada por Maria Lúcia Dal Farra em “Um semblante de mulher: leitura da *Antologia poética*”, onde procura perscrutar o feminino, tema aparentemente um pouco descuidado pelo grande cantor das vicissitudes da existência humana e artista. Contudo, da análise da *Antologia* resulta que –no caso do feminino– se trata duma matéria fluida e quase imperceptível que se imiscui nos seus poemas como uma substância fecunda, a ponto de agir como uma espécie de fermento pela maioria das outras suas ideias. Isto é, a emblemática feminina - seja como interlocução implícita, como menção às origens; seja como mito ou personificação de alguma virtude, etc.– fertiliza a poética de Torga no sentido que a avizinha mais perto à realidade. Finalmente, Luísa Costa-Hözl aborda uma vertente específica da produção poética de Torga em “Aninhar o menino Jesus no entendimento – Torga e o Natal, 30 poemas”. Ao longo dos dezasseis volumes do *Diário* há várias reflexões em prosa e uma trintena de poemas dedicados ao Natal num ritmo anual bastante constante, em que Miguel Torga pretendia lembrar o nascimento do menino Jesus. Apesar de colhido através de entradas de cunho referencial, este núcleo natalício, retirado à poesia completa e lido em sequência cronológica, forma um outro texto, de imagens muito

densas, recorrentes, contraditórias, de metáforas de cunho religioso e/ou profano, de tom telúrico e/ou transcendente. A autora propõe uma leitura que identifique a religiosidade específica do *eu* poético à ocasião da celebração do Natal. Dessa maneira destaca-se uma postura que parece desejar dar tréguas à inquietação existencial e apaziguar, pelo menos durante um pequeno intervalo, uma rebeldia nata.

Resta esperar que esta breve visão de conjunto tenha dado uma impressão não só dos imensos tesouros ainda e sempre de novo a descobrir na obra tão multiforme de Miguel Torga, mas também do variadíssimo panorama de estudos torquianos, do qual este livro é um testemunho incontestável.

MARTIN NEUMANN em nome da Comissão Organizadora

## *Cartas para Miguel Torga*

CARLOS MENDES DE SOUSA

Universidade do Minho

Pretendo, neste artigo, apresentar uma leitura da correspondência dirigida a Miguel Torga, ao longo de décadas (um arco temporal bastante amplo, de 1930 a 1994).

Um conjunto de cartas inéditas dá a conhecer elementos valiosos para o estudo da obra do autor e fornece dados que ajudam a compreender a história literária e cultural do século XX português. Proponho um confronto de aspectos tratados nas cartas (subscritas por autores nacionais e estrangeiros) com elementos conhecidos da biografia do destinatário. Esse cotejo proporcionará achegas relevantes para a reconstituição do itinerário pessoal (político, cívico) e literário do escritor. O epistolário passivo de Torga apresenta esboços de um retrato inacabado que vem apenas confirmar o que a leitura atenta da obra mostra: a ultrapassagem da ideia da imagem estereotipada do poeta isolado.

In this text I propose a reading of the correspondence sent to Miguel Torga over the period of several decades (from 1930 to 1994).

This set of previously unknown letters is of value in understanding the author's literary work, as well as Portuguese 20th century literary and cultural history. I compare aspects referred to in the letters (from Portuguese and foreign authors) with the known facts of Torga's biography. This comparison gives us new clues for the reconstitution of Torga's personal, political and literary itinerary. The set of letters written to Miguel Torga works as a sketch for the author's unfinished portrait and confirms what the literary oeuvre itself suggests: that the stereotype of the isolated poet needs to be reviewed.

O meu trabalho<sup>1</sup> pretende dar a conhecer um dos trabalhos de investigação que estou a levar a cabo, no âmbito das pesquisas que iniciei em 2006, quando se programou a comemoração do centenário do nascimento de Torga; refiro-me à publicação de um volume com a correspondência inédita dirigida ao escritor.

Gostaria de dedicar este artigo à memória da Doutora Andréa Crabbé Rocha, estudiosa da espitolografia em Portugal, autora de um importante livro que recebeu justamente este título, publicado em 1969, e que teve uma reedição, em 1985, na Imprensa Nacional–Casa da Moeda. Recordo o exemplo do magistério e os laços de verdadeira amizade que me ligaram à Doutora Andréa Rocha.

1) O impacto da listagem das cartas recebidas por Miguel Torga resulta, em certa medida, da amplitude do arco temporal, que abarca um período de sessenta e quatro anos (cartas escritas entre 1930 e 1994), mas decorre também da ressonância dos nomes dos correspondentes que aí vamos encontrar.

---

<sup>1</sup> Este artigo é derivado de uma comunicação. Começo por agradecer aos membros da comissão organizadora do Colóquio o convite que me foi endereçado para participar neste evento comemorativo do centenário do nascimento de Miguel Torga. Estive na Universidade de Hamburgo pela primeira vez em Janeiro 1992, a dar aulas, no âmbito do Programa Erasmus; voltei para leccionar um novo seminário, dois anos depois, em 1994, e, pelo meio, vim igualmente a esta Universidade para participar no *IV Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, organizado com grande empenho pela Professora Fátima Brauer-Figueiredo. Dessas vindas a Hamburgo, durante três anos seguidos, guardo as mais fundas recordações. Treze anos depois, regresso, no fecho simbólico do ano do centenário de Miguel Torga, o que tem para mim um particular significado afectivo.

Bastará arrolar alguns desses nomes (apresentados na linha do tempo da escrita das cartas) para percebermos como neles se deixa adivinhar a importância deste epistolário, no que diz respeito às achegas fornecidas para o estudo da história literária e cultural do século XX português. Encontramos cartas assinadas por Fernando Pessoa, Raul Leal, Hernâni Cidade, Fernando Piteira Santos, Maria Archer, Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Adolfo Casais Monteiro, Teixeira de Pascoaes, Ruben A., Jorge de Sena, Óscar Lopes, Urbano Tavares Rodrigues, António Barreto, Mário Soares, Jack Lang, Jorge Amado, Gonzalo Torrente Ballester, entre muitos outros.

O conjunto dos testemunhos fornece-nos, antes de mais, uma visão em perspectiva da obra de Torga, do ponto de vista da recepção dos textos por parte dos leitores seus contemporâneos, à medida que os livros vão sendo editados. Assinale-se o facto de estarmos diante de um importante contributo hermenêutico para as leituras que se venham a fazer do trajecto literário em fase de construção. Um exercício estimulante será, por exemplo, o de ler esta correspondência com o *Diário* (1973) ao lado. No impressionante conjunto dos dezasseis volumes, encontramos admiráveis páginas programáticas, onde se apresentam as linhas fundamentais da poética do autor (por exemplo, a perspetivação do nacionalismo vs. universalismo); pode verificar-se como as opiniões de Torga repercutem junto dos leitores amigos e como estes dão conta desses ecos nas cartas que lhe endereçam.

Outro contributo essencial do epistolário passivo de Torga para o conhecimento da obra do autor diz respeito ao confronto de aspectos tratados nas cartas com elementos conhecidos da biografia do destinatário. Esse cotejo proporcionará achegas relevantes para a reconstituição do itinerário do escritor (pessoal, literário) e abrirá as portas para uma reflexão em torno da questão biográfica e da sua interrelação com a vertente autobiográfica da obra torguiana.

2) Na breve apresentação desta correspondência, gostaria de começar por referir uma carta que me provocou perplexidade e espanto quando tomei o primeiro contacto com estes documentos. A minha imediata reacção foi a de pensar que a missiva estaria incompleta: faltaria ali decerto alguma folha. A análise do manuscrito acabou, no entanto, por me fazer perceber o funcionamento do texto, que se socorre de uma provocadora estratégia retórica para captar a atenção: um começo abrupto centrado num ponto particularíssimo, como se se retomasse um motivo já anteriormente abordado, a par da premeditada ausência de nomeação do destinatário no topo da página. Vejamos o início da carta:

Na página 79 do seu diário, quarto volume, parei. Então a morte do pai do abade de Loureiro mereceu-lhe uma página do seu diário. A morte, o enterro, a paisagem, um amigo caçador podem render meia dúzia de frases para a posteridade. Uma criaturinha que escreve qualquer coisa e lhe pede duas palavras de crítica não vale nada com certeza. Se não fosse condenável atitude social, já teria apedrejado as janelas da sua casa. Acredito bem que seja um homem atarefado, um médico, um escritor, um génio repleto de responsabilidades. Mas até um deus teria tempo para uma inutilidade mais. Neste momento digo-lhe tudo isto porque, como o senhor, também sou uma personalidade independente –nem sequer doente de ouvidos e garganta.

A letra inconfundivelmente desenhada (naquele encher de página como apertada malha de um tricot modelar) dá a pista sobre a autoria. E a assinatura lá está, no final, a comprovar a autenticidade do documento: M. A. Bessa Luís. Não estando a carta datada, nem existindo nela qualquer referência ao local onde fora escrita, não se me afigurou difícil o repescar desses dados. Agustina escrevera-a em 1949, em Coimbra, onde vivia na altura; nesse ano, saíra o 4.º volume do *Diário* de Torga (1973), ao qual a escritora alude no início da carta. O leitor é levado a pensar em alguma estranha ocorrência que tivesse suscitado a afoiteza do registo utilizado. Mais de 50 anos depois, em vários lugares, é a autora de

A *Sibila* que fornece alguma luz sobre o acontecido. Informa-nos que quando publicou o livro de estreia (*Mundo Fechado*), em 1948, o enviou aos “maiores da letras”, “aos escritores mais famosos, Aquilino, Ferreira de Castro, Torga e Pascoaes” (“O mundo fechado” prefácio à 2.<sup>a</sup> edição de *Mundo Fechado*, 2005).

A leitura da carta de Agustina poder-nos-ia fazer pensar que Torga não lhe teria escrito a agradecer o livro. Ao olhar retrospectivamente para o acontecido, a escritora fornece-nos mais dados, contraditando essa suposição, quando assinala o facto de ter ficado “fula” com a “resposta convencional” de Torga (*O Livro de Agustina*, 2002); não se refere a esta carta, mas ela é a clara manifestação da “cólera” desencadeada pela linear resposta do escritor, isto é, pela ausência da crítica solicitada.

É notória a relevância da missiva de Agustina enquanto documento atinente à sua própria afirmação literária, mas importa igualmente considerar a carta pelo singular retrato que a jovem aspirante ao panteão das letras ousa fazer do escritor consagrado. Lemos aí palavras surpreendentes que pretendem moldar um retrato ideal, como quando superiormente são dados conselhos ao autor de *Contos da Montanha* para que este se afaste das tertúlias citadinas que frequenta e, nas quais, segundo a novel autora, ele estaria a perder o seu tempo. Neste epistolário iremos encontrar apenas mais uma carta de Agustina, escrita dez anos depois (em 20 de Janeiro de 1959), agradecendo uma brochura comemorativa da reunião do curso médico de Adolfo Rocha, do ano de 1958. No tempo transcorrido, Agustina já se encontrara entretanto com Torga por intermédio do amigo comum Eugénio de Andrade. Nesta segunda carta, mostra-se sensibilizada por esse encontro:

Eu não tenho a confiança de lhe dizer nada. Fez-se uma lenda em volta da sua sensibilidade e do seu carácter a ponto de eu parecer bruta demais se não respeito tal e qual ela é divulgada. Como escreverei ao Torga? Se demonstro vivacidade pode achar-me petulante; se me apresento como admiradora, no fundo, pode dizer que esse é o caminho mais seguro mas que não conduz bem até à porta de casa. Não sei, e vou calar-me. Estimo-o muito, e nisto

podiam estar incluídas todas as discussões que nunca tivemos e todo o admirável convívio que sabemos desconhecer.

3) As hesitações sentidas relativamente à forma de se dirigirem ao escritor são recorrentes da parte de outros missivistas que o admiram e que ensaiam o gesto epistolar. Um exemplo paradigmático está patente nas palavras escritas por Maria Ondina Braga, em 1962: «Desculpe não começar como é de uso nas cartas. A verdade é que não sei fazê-lo para quem me desconhece de todo. – Senhor Doutor? – Distinto Escritor? – Apetecia-me antes dizer: Meu amigo». Maria Ondina (que só se estrearia em livro de ficção três anos depois), confessa na carta a Torga que precisou da distância espacial do seu “exílio” macaense, e precisou de uma larga distância temporal, para concretizar o desejo de lhe escrever (“anda-me isto na ideia há quase vinte anos...”).

Determinados traços reconhecíveis do retrato fixado pela *doxa* podem ser encontrados em algumas das cartas. Veja-se o mitema do escritor afastado do centro de irradiação cultural, onde tudo se decide. Em relação a este ponto, o próprio Torga, em escritos vários, apresentou a sua leitura crítica sobre o papel centralizador da capital, da qual intencionalmente se quis ver distanciado. Eduardo Lourenço, acusando a recepção da 1ª edição de *Portugal*, em 1950, escreve para Coimbra afirmando: «os lisboetas vão queimá-lo em efígie ou então ignorá-lo “lisboetamente”». Já nos anos 40, o jovem poeta Eugénio de Andrade, após referir algumas das impressões ouvidas em Lisboa sobre a repercussão do último *Diário* de Torga, publicado na altura, acrescentava: «É só o que sei. O Torga sabe que eu não frequento muito os *literatos*. Isto é tudo muito sujo, e eu não quero pôr-lhe nódoas na pureza de neve que o Senhor tem aí» (30.10.1946). Recordo ainda uma carta curiosa, escrita em 1944, contendo um relato feito por um amigo de Torga, Mário Gonçalves de Oliveira. Este reporta-se a uma conversa ouvida numa mesa da Brasileira, no Chiado, onde também estariam presentes Branquinho da Fonseca e Almada Negreiros. O autor de *Nome de Guerra* elogiara o teatro de Torga, manifestando o desejo de o ir visitar a Coimbra, não

querendo, contudo, que Torga soubesse. «Li pela segunda vez o “Teatro” do Torga, e confesso que fiquei maravilhado. Considero mesmo o Torga o melhor escritor de Teatro» –são estas as palavras de Almada que o amigo de Torga transcreve na carta. Gonçalves de Oliveira acrescenta ainda que poeta de *Orpheu* se referira também «ao seu temperamento esquisito [de Torga], de que tem certo medo».

Uma das questões centrais que este epistolário suscita prende-se com o retrato do escritor devolvido pelas palavras dos outros. Que retrato é esse que se forma a partir das palavras que os outros lhe dirigem?

4) A leitura destas cartas mostra a evidência de um centramento na figura do destinatário, embora, naturalmente, em quase todas as missivas os registos enunciativos, os ritmos, os traços idiolectais deixem vir ao de cima o rosto e a vida (quase sempre literária) dos emissores. Nemésio, Sophia, Eugénio de Andrade ou Eduardo Lourenço emergem na inconfundível voz e na letra inteira dos seus estilos, mesmo quando um simples bilhete é escrito.

Encontramos raros exemplos de cartas de pessoas cujo nome não é identificável como pertencente ao meio intelectual ou político. É o caso de um prisioneiro (Arnaldo Rodrigues) que lhe escreve, da cadeia de Elvas, a pedir livros, ou de um leitor de Portimão (Eduardo Jorge Frias Soeiro) que se dirige ao “Caro Autor”, num curto bilhete, com um curiosíssimo pedido para que o autor de *Bichos* assinale a sua *intentio auctoris* relativamente a um conto desse livro, na época obra de leitura obrigatória nos programas do ensino secundário:

Para acudir a muitos alunos do curso secundário, e a bem do malfadado ensino do Português, peço-lhe o grande favor de duas linhas nas quais, em letra bem redonda, afirme a condição humana da Madalena dos seus *Bichos*, negando que ela seja uma cabra (!), como pretendem umas senhoras mestras de tão impenetrável

ignorância, que só se darão por vencidas se (cito) “o próprio Torga disser que ela é mulher”.

Diante de um epistolário passivo marcado pelo signo da unilateralidade, poder-se-ia pensar que a leitura destas missivas se ressentiria da ausência das cartas de Torga. Pensamos que esse não-cruzamento não obsta a uma estimulante interpretação que nos é oferecida. Ainda que se implique necessariamente uma interação dialogal, o traço comum da incidência na figura e na obra do destinatário reforça a coerência deste corpus. São raros os casos em que se expõem as inquietações metafísicas do emissor (como acontece nas primeiras cartas de Nemésio) ou se reflecte a quotidianidade da vida (excepcionalmente relatada numa carta de Claire Cayron, quando ficou hospedada na casa de S. Martinho de Anta). A vida maior que aparece nestas cartas é a vida que decorre da literatura do receptor. Mesmo as referências a momentos-chave da biografia do destinatário-poeta são apresentadas num registo que reenvia para um quadro de referência literário. Muitas vezes é a partir do modo como os dados biográficos são plasmados na obra que os autores das cartas se reportam a esses momentos. É o que acontece, por exemplo, com a morte da mãe registada no *Diário IV*, vindo a lume no ano imediatamente a seguir ao doloroso acontecimento. Veja-se como Sophia de Mello Breyner Andresen se dirige a Torga: «Senti sempre que a sua mãe tinha um grande lugar em sua vida. Conheci-a através de si, através dos seus versos e dos seus livros». O próprio nascimento da filha é igualmente saudado pela autora de *Dual*, no registo que é o absoluto e verdadeiro modo de viver a poesia, como sempre aconteceu nessa relação privilegiada entre os dois poetas. Sophia concretiza os parabéns dentro dos versos oferecidos: «Mil e mil parabéns pelo nascimento da Clara. Já sei que ela se parece com a Andrée e que se chama Clara porque é clara.// Por isso, plagiando um pouco o Goethe, mando-lhes estes versos:// Da minha mãe herdei a claridade e a calma/ Do meu pai herdei a Terra negra, o vento azul e o mar furioso».

5) Na obra de um escritor que infinitamente se representou a si mesmo, a prisão no Aljube, na sequência da publicação de *O Quarto Dia* de *A Criação do Mundo* (1971), constitui um dos episódios biográficos que viria a adquirir o mais vasto alcance simbólico, nesse quadro de representação. Trinta e quatro anos depois da interrupção da narrativa autobiográfica, o narrador de *O Quinto Dia* (1974) irá registar literariamente a experiência. Este volume vai conceder, do ponto de vista diegético, um espaço privilegiado, em termos de economia narrativa, ao próprio motivo da interrupção. A atenção retardadora (o alargado tempo do discurso) enfatiza a nuclearidade do episódio e o seu valor emblemático no trajecto biográfico do autor.

As cartas desse período constituem-se como documento que dialoga com o retrato ficcional de feição autobiográfica. As vozes dos amigos de Coimbra (Paulo Quintela e Martins de Carvalho – André e Gonçalo no romance autobiográfico) manifestam a preocupação, o desejo de o visitar e a solicitação das necessárias autorizações. Será extremamente frutífera a colocação destes testemunhos em diálogo com o modo como as situações aparecem descritas no romance autobiográfico. Penso em concreto nas cartas de Vitorino Nemésio e de sua mulher, Gabriela Nemésio, pelos elementos fornecidos para a revisitação do episódio reescrito no *Quinto Dia* à volta do acidente sofrido por André Crabbé quando ia a caminho de Lisboa para visitar Torga.

6) Dificilmente poderemos encontrar entre as cartas recebidas outro núcleo em relação ao qual a realidade retratada apresente uma validação testemunhal coetânea do tempo vivido. Veja-se, por exemplo, a não-existência de cartas relativas ao momento da dissidência do grupo da *Presença* ou aos tempos da busca de caminho na agrupação em revistas de que Torga foi director (*Sinal*, 1930 e *Manifesto*, 1936-1938). A este propósito, recorde-se como fora deste epistolário, mas dialogando com ele, a carta de Torga a Pessoa (cumprindo, de certo modo, uma função similar à da primeira carta de Agustina a Torga), quando

contextualizada (em concreto com a correspondência de Pessoa a Gaspar Simões e com uma segunda carta que Pessoa escreveu a Torga, mas não chegou a enviar) constituirá um dos raros documentos que levanta luz sobre o episódio da ruptura com a *Presença*. Pessoa (a quem Torga, poucos anos depois, viria a render as mais elevadas homenagens) cometera um pecado capital, logo no início da sua missiva, quando, depois de afirmar que lera e gostara do livro, se reporta à poesia de Régio. As observações de Pessoa são claramente mal recebidas por serem entendidas como uma espécie de exercício de magistério, no momento preciso da dissidência.

Observe-se que uma raríssima referência à cisão surge precisamente numa das cartas enviadas por Nemésio para o Aljube. Nove anos após o afastamento, ainda as feridas não estavam saradas, Nemésio serve-se de uma metáfora religiosa para se referir a Régio e a um gesto de reconciliação da parte do autor de *Poemas de Deus e do Diabo*, a que Torga não iria responder:

Ao Aljube não chegam coisas finas como a *Presença*? Pois eu vi-a ontem. Leia, leia, que lá vem na Sinfonia da abertura, um piropozinho para o *Sinal*. V., o Branquinho e o Bettencourt são propriamente e paternalmente convidados a reentrar no seio da ortodoxia, sob o anel do Pescador. Veja agora lá se se fecha àquele coração paternal...

7) A leitura das cartas a Miguel Torga mostra-nos que a maior parte destas missivas tem como motivação mais imediata o agradecimento de livros que haviam sido enviados pelo autor. Breves comentários ou mais demoradas leituras feitas às obras recebidas conformam um conjunto de notas que importa considerar para a definição do percurso do escritor.

Refira-se que, independentemente da carga sensível da amizade que vem agarrada a muitas das palavras de agradecimento, nos é apresentada uma completa visão de conjunto, desde as notas que revelam a inicial busca de caminho (*vd.* por exemplo o bilhete de António Sérgio, em 1934, a agradecer *A Terceira Voz*) até aos

testemunhos que reflectem sobre o próprio tempo, sobre a justiça que só o tempo se encarregará de fazer. Em 1946, João Menéres Campos, reportando-se a vozes reticentes, afirma o seguinte: «V., porém, já conquistou o tempo; os homens, pela sua própria contingência e fragilidade humanas (raiz da sua condição), serão conquistados e vencidos por aquele».

As cartas recebidas permitem justamente perspectivar o delineamento de um percurso que impressiona pelo acelerado ritmo de publicações até à década de 50 –a década da consagração. A partir daqui impõe-se no trajecto literário torguiano o tempo do testemunho, do cuidado com que o autor se propõe fechar o círculo da obra vigiada (incidência de publicação nos sucessivos volumes do *Diário* e, mais tarde, o remate de *A Criação do Mundo*) e o tempo da incessante autovisitação, através dos obsessivos trabalhos de reescrita, sobre a qual esta correspondência apresenta diversos depoimentos. Veja-se, por exemplo, no ano de 1954, as cartas que comentam a refundição de *Vindima* (1965). A definição do percurso, que se constrói com uma tenacidade e uma independência exemplares, deslumbra os amigos que, na década de 40, se deparam com a fulguração de um caminho diferente e afirmativamente novo. É o que se pode ler numa carta do poeta António de Sousa, um dos companheiros de Coimbra, que, em 1950, da capital, onde exerce advocacia, lhe escreve dando conta do alcance de perspectiva sobre a obra de Torga até à data:

Continuas a trabalhar na tua Obra com um apego e uma decisão que mais nenhum de nós tem. E a mim, que te admiro como Poeta e te prezo como Amigo, dá-me alegria e alento ver-te sempre fiel à tua estrela, sem desfalecimentos, trazendo a nós a luz que ela te entrega e entregará até à morte. Bem hajas! (14 de Nov. de 1950).

8) O epistolário passivo de Torga apresenta esboços de um retrato inacabado que vem apenas confirmar o que a leitura atenta da obra mostra: a ultrapassagem da imagem estereotipada do poeta isolado.

Há um conjunto de cartas que constitui uma diferença pela singularíssima marca enunciativa, num registo muitas vezes próximo da humorada conversação solta e descosida, e cuja excepcionalidade se manifesta desde logo na forma espantosa de o autor dessas cartas se dirigir a Torga. Refiro-me a Ribeiro Couto que se dirige ao “Anjo Miguel”, ao “Miguelão Miguelinho” (num claro intertexto rosiano), ao “Miguelão Torguinha”, e em outras variadíssimas fórmulas excêntricas, que desbloqueiam o modo de se aproximar do autor de *Traço de União*, e que fornecem um retrato pouco convencional do escritor e do médico a quem o poeta brasileiro solicita consultas epistolares, a quem envia trocadilhos feitos a partir de títulos de obras (“penas do torgatório”) e com brinca entre achados de linguagem relacionados com aspectos da vida e obra (“Alegria de ver-te sempre grande e cada vez maior, quer Miguel, quer Adolfo, poeta-rino-conímbrico-camónicologista”). É esse à vontade que domina em toda a correspondência, como lemos nas palavras de amizade e de afecto com que Ribeiro Couto extravasa o seu reconhecido apreço: «Grande Miguel, pelo carinho com que me dedicaste a carta final, vai aqui um beijo no teu áspero focinho de almocreve transmontano».

À lenda sobre o escritor, referida por Agustina, as cartas conservadas no espólio acrescentam outros traços. Vemos aqui o homem que generosamente acolhia os amigos na casa da Estrada da Beira ou, mais tarde, na casa da Rua Fernando Pessoa. E encontramos aqui o cidadão livre e o homem ferozmente cioso da sua independência.

Um dos mais belos testemunhos marcado pela fidelidade de longos anos de profunda amizade é constituído pelas cartas que têm a assinatura de Sophia de Mello Breyner Andresen. Em 1965, a autora de *Livro Sexto* escreve a Torga: “O encontro com a sua poesia é na minha vida uma data memorável que está sempre viva”. A amizade, que remonta ao ano de 1944, encontra-se profundamente ligada à estreia literária da autora. Nesse mesmo ano, Sophia, no seu certo e conciso modo de dizer, propõe um

belo e autêntico retrato de Torga: «Há um Portugal que antes de si estava por exprimir». Alguns anos depois, noutra carta, eis nova luz sobre o verdadeiro rosto do autor de *Cântico do Homem*: «Diz-se às vezes que a língua portuguesa é um instrumento imperfeito, etc. Quando você escreve tenho a impressão de que é língua mais cheia de nobreza de plenitude e de verdade».

## REFERÊNCIAS

- ROCHA, Andrée Crabbé. *A epistolografia em Portugal*. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.
- TORGA, Miguel. *Vindima*. 3.<sup>a</sup> ed. Coimbra, 1965.
- . *A Criação do mundo*. Gráfica de Coimbra: Coimbra o autor, 1969.
- . *Diário IV*. 3.<sup>a</sup> ed. Coimbra, 1973.

